

# Um olhar sobre a umbanda:

**Solange Vaini**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
svaini@uol.com.br

**E**ste texto visa relatar a pesquisa desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da profa. Dra. Maria Helena Villas Boas Concone, com o tema Educação e Umbanda.

A pesquisa surge de duas práticas cotidianas vivenciadas, a da Educação e a da Umbanda. Ao iniciar o projeto, pretendíamos verificar quais eram as formas de aprendizagem que os umbandistas utilizavam para passar aos seus adeptos os fundamentos da religião. Para isso utilizaríamos entrevistas e a observação de campo, conversando com os/as filhos/as dos terreiros, bem como participando dos rituais. Mas outro fenômeno se mostrou imperativo.

A utilização de cadernos de registros,<sup>1</sup> elaborados por minha mãe, desde a década de 70, que descrevem a trajetória e os rituais na Umbanda – nos terreiros que frequentou e mais tarde no próprio terreiro. Um material riquíssimo e inédito, pois, a Umbanda, religião de fortes tradições orais, praticamente não possui registros de suas práticas, e este material vislumbrava a possibilidade de desvendarmos uma parte de sua história.

Da idéia inicial de verificar as práticas educativas de aprendizagem nos terreiros de Umbanda, passamos a trabalhar também com os registros escritos, que nos apresentavam de forma pouco usual, uma memória da Umbanda.

**Umbanda: breve apresentação**

Podemos definir a Umbanda como uma religião brasileira, influenciada pelo catolicismo, pelo espiritismo de Kardec, pela cultura ameríndia e africana. Como possui fortes elementos da última, facilmente identificáveis, é considerada também como uma religião afro-brasileira, que pode designar uma série de práticas com raiz nas religiões oriundas dos negros africanos, que para cá foram trazidos como escravos.

Estas práticas, de acordo com a região geográfica de origem e de distribuição do contingente escravo no Brasil, foram adquirindo características próprias ao longo do tempo. Assim, o culto aos Orixás, na Bahia, considerada pelos primeiros estudiosos da religião, como Nina Rodrigues, a depositaria das verdadeiras práticas religiosas trazidas da África (candomblé puro); o Tambor de Mina e suas encantarias, no Maranhão; a Umbanda e a Quimbanda no Rio de Janeiro; o Batuque e a Umbanda no Rio Grande do Sul, e a Umbanda em São Paulo. Utilizamos estas denominações apenas para uma categorização, pois não expressam toda a diversidade existente dos cultos nos diferentes estados, inclusive naqueles que aqui não foram citados.

Silva ao analisar a formação do candomblé paulista, argumenta que a Umbanda foi a primeira interlocutora deste na capital. Segundo ele, tanto a Umbanda como o Candomblé não devem ser considerados, “*como totalidades expressivas em si, mas como conjuntos de elementos culturais sobre os quais os grupos religiosos operam a construção das semelhanças e diferenças que os identificam, aproximam ou afastam*”.<sup>2</sup>

A Umbanda possui uma série de ramificações ou denominações, como mística, esotérica, branca, lisa, quimbanda, cabalística, popular, iniciática, filosófica, kardecista, cruzada... que agregam indivíduos com a mesma perspectiva identitária. Apesar desta diversidade há “*uma série de elementos significativos que normatizam a religião, como seu panteão, o transe, a iniciação, a hierarquia, a música e as danças rituais*”.<sup>3</sup>

Capaz de absorver elementos de outras religiões, que são transmitidos a partir de uma “*tradição oral multicultural*”,<sup>4</sup> a Umbanda pode agregar uma série quase infinita de outras práticas. Podemos dizer, portanto, que é uma religião que tem corpo doutrinário único e multifacetado, numa constante reelaboração da própria práxis.

# memória e aprendizagem num terreiro de São Paulo

## Memória e aprendizagem

Diante do desafio de trabalharmos com os registros de memória, várias perguntas surgiram. Como os cadernos poderiam nos ajudar a verificar os processos de aprendizagem ocorridos nos meandros da religião? O que nos diriam? Poderiam ser considerados documentos memorialistas?

Acreditamos que sim. Embora estes registros tenham acontecido de forma espontânea, sem uma intencionalidade a não ser aquela de deixar marcado o que acontecia nos dias de rituais, seu conteúdo apresenta a memória do grupo, da constituição do terreiro e da própria Umbanda.

Comumente a palavra memória remete-nos a idéia de lembrança, e este ato de lembrar, de memorar, remete-nos à idéia de ser este ato uma atividade *puramente individual*. Mas, nossa memória é construída a partir de nossas experiências pessoais, subsidiadas pela memória social. O sujeito inserido na sociedade, faz parte de diferentes grupos sociais e constrói a partir deles e nas experiências vivenciadas neles uma existência social. Quando evocamos estas experiências, vividas em espaço e tempo únicos, estas surgem em forma de *lembranças* ou memórias e só poderão ser compreendidas se pensadas e analisadas, em relação ao contexto do cotidiano.

Os sujeitos que vivenciaram determinado fato foram por ele influenciados, porque “*viviam em tal época, em tal país, em tais circunstâncias políticas e nacionais. (...) Numa atmosfera psicológica e social única, e que não seria encontrada em nenhuma outra época*”.<sup>5</sup>

Trabalhar com memória possibilita o trabalho com as “*situações vividas que, embora possam parecer insignificantes à primeira vista, após a análise, poderão se mostrar plenas de significados*”.<sup>6</sup>

É com este olhar que vimos a possibilidade dos cadernos de registros nos apresentarem um quadro único sobre a Umbanda e as relações vividas pelos/as filho/as do terreiro nas situações de aprendizagem por que passaram durante todos estes anos.

A noção do aprender como construção de conhecimento é recente na nossa história. Ainda hoje prevalece a idéia de que o mundo é pré-dado à experiência humana. Acostumados que fomos a pensar o conhecimento como algo estático, dado ao sujeito a priori, “*como a representação fiel de uma realidade independente do conhecedor, e não como construção da mente humana*”,<sup>7</sup> pode conduzir à idéia de que a construção de conhecimento num terreiro de Umbanda não ocorre, e rejeitar a noção de que este conhecer possa ser utilizado de forma a “*fazer surgir um mundo*”.<sup>8</sup>

O mundo é uma construção humana. Se assim acreditamos, não podemos nos fechar numa única visão ou percepção da realidade, pois existem diferentes formas de vê-lo e vivê-lo.

Conhecer este mundo implica deixar de lado “*nossa atitude cotidiana de pôr sobre nossa experiência um selo de inquestionabilidade, como se ela refletisse um mundo absoluto*”.<sup>9</sup> Deveríamos ser mais maleáveis nas nossas certezas. Ou melhor, deveríamos trabalhar a partir das incertezas: nada está pronto, acabado, mas em movimento constante de elaboração e reelaboração, numa construção permanente de sentidos e significados.

Considerar que nossa herança ocidental possa ser desconstruída possibilita pensar que a Umbanda propicia uma reflexão do sujeito e conseqüentemente sua emancipação, que passa a enxergar o mundo a partir das incertezas do mesmo, sendo menos determinista, “*descobrimo nossas cegueiras e reconhecendo que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos*”.<sup>10</sup>

Por assim acreditarmos, é que a possibilidade de trabalharmos com a memória do terreiro, a partir dos cadernos de registros, para desvendar os processos de aprendizagem e do conhecer, é para nós uma tarefa desafiadora.

Queremos ao trabalhar com a memória dos filhos/as do terreiro, dar voz ao sujeito social, resgatando na sua história uma totalidade que esclareça as transformações econômicas, políticas e sociais que estão presentes na sua e nossa história.

Como diz Maturana, “*toda a reflexão faz surgir um mundo*”. Assim, ao recuperar a história do grupo a partir de depoimentos orais e dos cadernos de registro, um mundo virá à tona, um mundo umbandista, que esperamos desvendar através desta pesquisa.

Recebido para publicação em dezembro de 2005

## Notas

<sup>1</sup> Os cadernos de registro fazem parte de um acervo construído ao longo dos anos, informalmente, contendo uma descrição dos rituais e de tudo o que acontecia com o casal; esta prática perdura até os dias de hoje, e o terreiro possui em média uns 20 cadernos, um para cada ano de existência.

<sup>2</sup> SILVA, Wagner Gonçalves da. *Orixás da Metrópole*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 94.

<sup>3</sup> Idem, p. 95-97.

<sup>4</sup> LIGIÉRO, Zeca e Dandara. *Iniciação à Umbanda*. Rio de Janeiro, Nova Era, 2000. p. 66-79.

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 59.

<sup>6</sup> BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 29.

<sup>7</sup> MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2001. p. 7.

<sup>8</sup> Id. Ibid, p. 32.

<sup>9</sup> Id. Ibid, p. 32-36.

<sup>10</sup> Id. Ibid.